

Sustentação Oral do diretor-geral do IBC, Dr. João Ricardo Melo Figueiredo

Prezados Ministros do STF e demais participantes desta audiência pública:

Em sua trajetória, o IBC foi pioneiro na América Latina em diversas áreas: na educação de pessoas com deficiência visual; na construção de uma Imprensa Braille, ainda na segunda metade do século XIX; e atualmente, na abertura de um curso de mestrado em ensino na temática da deficiência visual.

Com o passar dos anos, a instituição vem se reorganizando e se modernizando, de acordo com os novos paradigmas educacionais e sociais do século XXI. Hoje, como um grande centro de referência atuamos em âmbito nacional na difusão de material especializado, com a produção, anualmente, de aproximadamente quatro milhões de páginas em braile, a distribuição gratuita de 83.504 materiais especializados, no último ano e o atendimento, além de todo o Brasil, também de 21 países com falantes de língua portuguesa. Formamos profissionais em todo o território nacional com cursos presenciais, a distância e agora na modalidade remota, com um total de aproximadamente 2.000 profissionais atendidos anualmente. Formamos especialistas em oftalmologia em uma residência médica que dá suporte aos diferentes sistemas de ensino, inclusive em outros estados com atendimentos especializados, como estamos fazendo nesta semana em Goiânia. Tudo isso, contudo, só foi e é materializado diariamente por conta da existência de uma escola especializada no IBC.

A escola do IBC, para alunos cegos e com baixa visão, atende desde o bebê, em um programa de educação precoce, passando pela pré-escola, seguindo depois para o ensino fundamental. Durante nossa gestão, desde 2019 ofertamos ainda a educação profissional, com quatro diferentes cursos, em modalidades distintas e mais três aguardando aprovação do Ministério da Educação.

Essa escola é local de estudo e pesquisa na área da educação especial. São estudiosos de diversos centros de pesquisas, nacionais e internacionais, que buscam o conhecimento e a experimentação de novas práticas a serem implementadas nos diversos sistemas de ensino. Essa dinâmica também é a realizada pelos professores do IBC, o ensino está atrelado ao desenvolvimento de pesquisa e à difusão desse conhecimento em âmbito nacional e até internacional. Há alguns anos estivemos em duas missões na África, em atendimento a uma demanda do Itamaraty.

Nesta perspectiva, desde 1947 atuamos junto com as políticas públicas para fomentar a formação de profissionais para atuarem com alunos com deficiência visual. É fundamental que os atores da educação de pessoas cegas e com baixa visão possam compreender verdadeiramente as necessidades e os caminhos imbricados no processo de desenvolvimento da pessoa com deficiência visual.

Em um país, diverso como o Brasil, acolhedor e que respeita a diversidade, a escola especializada deveria ter seu local garantido, pois ela pode ser e fazer a diferença no desenvolvimento e na educação das pessoas com deficiência.

Em um concurso recente para professor, um candidato, com formação exemplar, afirmou que o aluno com baixa visão precisa de braille e currículo mínimo. Que absurdo!!! O aluno com baixa visão só vai precisar de braille se for educacionalmente cego, o que vai depender de uma avaliação bem feita. O aluno com deficiência visual não precisa de currículo mínimo, mas de instrumentos para ter acesso ao currículo completo. Isso, infelizmente, está acontecendo em todo o Brasil. Os alunos com deficiência visual, em grande parte, estão sendo aprovados automaticamente, não são cobrados leitura e muito menos escrita. Estão chegando nos Instituto Federais e nas Universidades sem nenhuma condição de escrita de um trabalho de conclusão de semestre, dito pelos diversos profissionais que atendemos no IBC. Esses alunos precisam ser vistos, tendo suas necessidades respeitadas.

É urgente que deixemos de lado o binômio inclusão x exclusão para falarmos de educação. É inaceitável que em pleno século XXI não possamos ter um sistema harmônico, que não consigamos respeitar, inclusive, aqueles que estão no “chão da escola.” Em um sistema caótico, diverso e com inúmeros atores existiria espaço para todos, principalmente se olhássemos individualmente para cada estudante, como aprendemos a fazer quando atuamos na educação especial.

Por fim, deixo uma mensagem em vídeo, para que possamos refletir. O Instituto Benjamin Constant inclui, dá oportunidade de aprendizado e crescimento. Cheguei ao IBC com quatro anos de idade, saí, fiz concurso para o Colégio Pedro II, depois fui para a universidade, trabalhei em cursos e escolas privadas, no governo do estado e em 2006 retornei ao IBC como professor. Hoje, com mestrado e doutorado em linguística, além de diretor-geral eleito e reeleito, atuo como pesquisador e professor em nosso programa de mestrado, Assim como eu, muitos estão incluídos, vivendo das mais diferentes maneiras: somente com o ensino fundamental, com o ensino médio, com o ensino técnico e outros com nível superior. Temos ex-alunos no poder judiciário, em todo o país, na AGU, inclusive, um que já fez sustentação oral neste tribunal enquanto AGU; alguns em outras posições, sem nos esquecer dos artistas e músicos que formamos. Mais o importante desse relato final é demonstrar que a escola especializada pode e vem efetivamente dando condições para que a pessoa com deficiência da visão seja um cidadão pleno, com autonomia social e financeira, artífice de sua história, não sendo e não querendo ser tutelado pelo estado pelo resto da sua vida com um benefício de prestação continuada. Esse é importante, mas o mais importante é conseguir ter autonomia para garantir um espaço no mundo do trabalho e, para o deficiente visual, tal autonomia é garantida, somente com uma educação verdadeira.